

# ATIVISMO E MÚLTIPLOS ENGAJAMENTOS: a percepção de ativistas do movimento negro sobre a múltipla militância

Sara Talice Santos Bastos<sup>1</sup>

**Resumo:** A análise aqui apresentada versa sobre as percepções dos ativistas de movimento social sobre as suas trajetórias de múltiplos engajamentos. A pesquisa contou com sete entrevistas de militantes de uma organização de movimento negro do Rio Grande do Sul que possuíam ou possuíram, em alguns momentos da sua trajetória, múltiplas inserções militantes. Foram analisados três aspectos centrais do múltiplo engajamento: as percepções dos ativistas sobre a militância múltipla, os conflitos – internos e externos – inerentes a esse tipo de atuação e as suas percepções de autonomia do movimento social. Constatou-se que os ativistas possuem diferentes percepções sobre esses três aspectos, entretanto, a dimensão de autonomia, dentre essas três, é a causadora de maior dissenso, sendo central na compreensão das trajetórias dos ativistas, nos processos de filiação e desfiliação nos múltiplos espaços de atuação política.

**Palavras-chave:** movimentos sociais, múltiplos engajamentos, conflitos, autonomia.

**Abstract:** This analysis deals with the activists' perceptions of social movement about their multiple engagement trajectories. This research included seven interviews with militants of a black movement organization from Rio Grande do Sul that had or previously have had multiple trajectory insertions as militants at some moment. The analysis of multiple engagements considered three central aspects: activists' perceptions of multiple militancy; both internal and external inherent conflicts that characterizes this type of action; and militant's perceptions over social movement's autonomy. It was observed that the activists have different perceptions about these three aspects. However, among them, the dimension of autonomy causes greater dissent, being central in the understanding of activists' trajectories, concerning their processes of inclusion and exclusion in the multiple spaces of political action.

**Keywords:** social movements, multiple engagements, conflicts, autonomy.

## INTRODUÇÃO

Reabertura política, Brasil, afinal de década de 1970. Retomava-se ali o processo de militância política organizada no país. Movimentos sociais, partidos, associações políticas, sindicatos. Pipocavam por toda parte do país organizações que visavam intervir no processo político através da luta organizada.

---

<sup>1</sup> Mestra e doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com experiência em análise de políticas públicas, movimentos sociais e intersecção sociedade civil e Estado. Membro do Grupo de pesquisa Sociedade e Políticas Públicas.

Rearticulavam-se os movimentos sociais, dentre eles o movimento negro. Em 1978, em frente ao Teatro Municipal da cidade de São Paulo, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente identificado somente como Movimento Negro Unificado, fazia o seu ato de abertura. Iniciando uma nova fase de militância negra brasileira. Inspirados, principalmente, na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e pela independência de países africanos (PEREIRA, 2008).

O Movimento Negro, reiniciado no final de 1970, via a necessidade de unir-se com outros grupos de mobilização social que, como ele, entendia que, para ter quaisquer direitos, antes era necessário o fim da ditadura militar. Nesse sentido, o I Encontro Estadual em Defesa da Raça Negra propunha “nossa unificação com todas as entidades, associações, sindicatos, partidos e setores, que incluam essa luta em suas reivindicações”<sup>2</sup> (KOLISSG, 2008, p. 34). Os militantes do Movimento Negro eram incentivados a participarem de grupos em outras organizações sociais, ampliando a luta pela democracia e também iniciando grupos de reivindicação racial nesses locais (KOLISSG, 2008).

Surgem, assim, grupos de discussões e de mobilização negra dentro dos sindicatos e dos partidos que nasciam a partir de 1980. Isso gerou uma dupla influência: enquanto os movimentos inseriam a questão racial dentro dos sindicatos e dos partidos, essas instituições influenciavam ideologicamente o movimento, trazendo-o cada vez mais para perto de uma linha política de esquerda. O Movimento Negro Unificado (MNU) nasce em 1978 já sob a influência de organizações de esquerda, articulando a luta contra as desigualdades raciais com a luta contra as desigualdades de classe (ALBERTI; PEREIRA, 2007).

O movimento negro nasce, assim, interconectado com outros espaços de militância política. Muitos dos seus ativistas possuíam mais de um tipo de engajamento político, circulando por meio de partidos, sindicatos, ONGs, associações etc. Esses múltiplos engajamentos é o que buscamos elucidar nessa pesquisa, focando como os ativistas percebem essas relações de múltiplas inserções, seu engajamento e sua militância no movimento social.

---

<sup>2</sup> Panfleto do Grupo Negro da PUC “Iº Encontro Estadual em Defesa da Raça Negra” In Dossiês 20-C-44 – 17287. DEOPS/SP, DAESP.

Nesse texto, enfocamos analisar as percepções dos ativistas sobre esse tipo específico de engajamento, lançando luz sobre três aspectos: a percepção deles sobre a militância múltipla, sobre os conflitos inerentes a essas atuações e sobre as suas percepções sobre autonomia. Foi escolhido, como recorte da pesquisa, ativistas de uma organização do Movimento Negro do estado do Rio Grande do Sul.<sup>3</sup> O Movimento Negro foi escolhido devido à sua histórica intersecção em partidos políticos e à sua atuação por dentro do Estado.

Foram entrevistados, no total, sete ativistas da mesma organização de movimento social negro. A relação dos ativistas entrevistados encontra-se abaixo.

#### Quadro I – Relação de entrevistados e participação no movimento

Ativista <sup>4</sup>	Participação no Movimento
Entrevistado I- Andressa	Membra da organização
Entrevistado II- Rafaela	Membra da organização e ex-coordenadora em âmbito estadual
Entrevistado III- Israel	Ex-membro da organização
Entrevistado IV- Maicon	Coordenador da organização
Entrevistado V- José	Ex-membro da organização
Entrevistada VI- Iara	Membra da coordenação da organização em âmbito estadual
Entrevistado VII- Gabriel	Membro da coordenação da organização em âmbito estadual

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Foram feitas entrevistas com todos os entrevistados. As entrevistas foram gravadas e transcritas. A técnica de análise dos dados foi a análise de discurso, com a qual, a partir dos dados (a fala dos ativistas), buscamos compreender os sentidos, as percepções, os valores e as ideias que estavam ali subjacentes.

Esse artigo está dividido em três partes além dessa introdução. São apresentados, primeiramente, os entrevistados, as suas trajetórias de militância. Após, são apresentados alguns aspectos interessantes sobre as trajetórias, sendo observadas as múltiplas inserções militantes. Por fim, são apresentadas

<sup>3</sup> O nome da organização de movimento social estudada foi omitido a fim de manter o anonimato da organização e dos entrevistados

<sup>4</sup> Os nomes dos entrevistados são fictícios a fim de manter a identidade dos entrevistados.

as percepções dos ativistas sobre os aspectos observados na pesquisa, a múltipla militância, os conflitos e a autonomia do movimento social.

## AS TRAJETÓRIAS DE MILITÂNCIA

Os militantes que fazem parte dessa pesquisa fazem ou fizeram parte de uma organização de movimento negro do Rio Grande do Sul. O corpus da pesquisa constitui em sete trajetórias distintas. Não faremos, entretanto, uma análise minuciosa das trajetórias de vida desses militantes (a criação, a sua 'descoberta' enquanto negro, o desenvolvimento da identidade negra etc.). Focaremos em relatar, de maneira sucinta, as trajetórias militantes desses atores, as trajetórias que se constituíram dentro do Movimento Negro.

### ANDRESSA

A primeira entrevistada, Andressa, possui um curso bastante linear. Começou a sua trajetória de militância no sindicato onde começara a trabalhar em 1993. Segundo a militante, o sindicato abriu, de fato, a oportunidade de uma militância consistente, tornando, o que antes era um interesse, uma curiosidade, em atuação política propriamente dita.

No sindicato, a militante filia-se ao Partido dos Trabalhadores (PT), mas mantém uma relação de distanciamento com o partido. Como ela mesma coloca: 'eu dou o meu voto, mas não uso eles assim pra nada' (Entrevista ANDRESSA).

A militância no Movimento Negro inicia-se no sindicato a partir da criação de um coletivo de negros e negras, em 2005. É a partir desse coletivo que, em 2007, a militante conhece a organização estudada e filia-se a essa instituição.

Na organização de movimento social, a militante atuou na coordenação municipal (Porto Alegre), mas, por conta de conflitos políticos/ideológicos, aponta a gestão como ilegítima e deslegitimada. A crítica feita pela militante é a de que houve manipulação por parte dos partidos políticos dentro do movimento. Pela compreensão de que partidos políticos influenciaram as eleições e a gestão da última coordenação, a militante une-se a uma nova corrente dentro do movimento que visa à autonomia, principalmente em relação aos partidos.

## RAFAELA

A segunda entrevistada apresenta uma trajetória de múltiplas inserções. A militante começa a sua história no Partido dos Trabalhadores.

A atuação partidária iniciou-se ainda na adolescência e prolongou-se para o resto da vida da militante. Diferentemente da primeira entrevistada, essa militante apresenta uma atuação partidária muito mais orgânica, participando ativamente do partido. Dentro do partido, em 2003, começa a participar da setorial de combate ao racismo, que hoje se transformou em secretaria.

A militante começa, em 1989, a trabalhar dentro de uma empresa estatal, no qual hoje ocupa um cargo político (FG<sup>5</sup> - Função Gratificada). Nessa empresa, a militante veio a ocupar um cargo de coordenadora da comissão de políticas raciais, cargo que foi perdido por causa de conflitos entre a militante e membros da gestão da empresa e do partido. Esses conflitos ocasionaram a perda do espaço de coordenação e a realocação da militante para outro espaço na empresa.

A sua inserção no Movimento Negro deu-se pela ocupação do espaço como coordenadora de políticas raciais na gestão, o que possibilitou a ela o contato com outros militantes da causa negra. Esse encontro com os outros militantes ocasionou a entrada da ativista na organização de movimento social. A partir dessa entrada, que se deu em 2004, a militante atuou na coordenação municipal (Porto Alegre), e na coordenação estadual.

## ISRAEL

O terceiro entrevistado não possui, atualmente, múltiplos engajamentos. O militante inicia a sua militância muito influenciado pela sua vivência familiar (apesar de desterritorializados, seus pais eram originários de comunidades quilombolas). O militante iniciou a sua trajetória em movimentos populares, na rearticulação das associações de moradores. Após isso, iniciou a sua militância sindical sem nunca, porém, perder o olhar para a questão racial.

---

<sup>5</sup> FG (Função Gratificada): Cargo oferecido pelo partido governante a funcionários de organizações estatais. “Ato de investitura de servidor público efetivo, por meio de designação, para função gratificada retribuída com gratificação.” (fonte: <http://www.dgp.unb.br/guia-do-servidor/83-designacao-para-funcao-gratificada-fg>).

Foi membro fundador do Partido dos Trabalhadores com quem rompeu e do qual desfilou-se no final de década de 1990. Apresenta uma singularidade em relação ao partido, mesmo sendo filiado, e, participando organicamente até o seu desligamento, o militante diz nunca ter participado de nenhuma comissão racial dentro do Partido dos Trabalhadores, separando, assim, a sua militância partidária da social, para, segundo o militante, 'evitar a contaminação'.

A militância no Movimento Negro inicia-se em 1994, quando o militante adentra a organização de movimento social estudada, fazendo parte praticamente da coordenação estadual até 2010. Por divergências ideológicas sobre a autonomia, afasta-se da coordenação da organização e, juntamente com outros militantes, cria uma linha dentro da organização, reivindicando a autonomia deste, baseado na acusação de rompimento, por parte dos outros militantes, com os princípios básicos de independência partidária. Ainda por causa dessa compreensão, o militante rompe com a organização estudada e cria uma nova organização de política militante negra, tendo como princípio o apartidarismo. O militante, apesar de várias propostas, nunca atuou no Estado, mantendo-se externo à estrutura governamental.

### **MAICON**

O quarto entrevistado possui uma trajetória de múltipla militância. Iniciou a sua militância ainda adolescente no movimento estudantil. Ingressou na organização de movimento social em 1981, mas, somente em 1986, iniciou, de fato, a sua atuação mais orgânica. Concomitantemente, em 1986, iniciou a sua atuação no sindicato, começando uma comissão racial.

O militante participou de duas coordenações estaduais do movimento. Atuou ainda no Estado, enquanto Movimento Negro no Conselho Estadual de Desenvolvimento da Comunidade Negra do Rio Grande do Sul (CODENE), na gestão 1999-2002.

Em 2003, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores; antes era filiado ao PTB, muito por influência da sua participação no movimento estudantil. Aproxima-se do PT, uma parte por envolvimento familiar, já que o padrasto fora membro fundador do partido em uma das cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. Entretanto, a decisão de se filiar é tomada dada a vivência na

organização estudada e a proximidade da organização com o Partido dos Trabalhadores.

Entre os anos de 2012/2014, foi secretário estadual de combate ao racismo na secretaria do partido. A gestão foi partilhada com outro militante da mesma organização que, também como ele, hoje faz parte da coordenação estadual (Gabriel). A “dobradinha” na gestão continua hoje, só que invertida. Já o outro militante (Gabriel) assumiu como secretário, enquanto o militante hoje assumiu como secretário adjunto.

## **JOSÉ**

O quinto entrevistado também possui uma trajetória de múltipla militância. Iniciou a sua militância negra no Fórum da Juventude Negra do Rio Grande do Sul (FAJURS), em 2005. Inicialmente, como militante de matriz africana, ingressou nesse Fórum a fim de representar a sua comunidade. Visto por militantes da organização como um jovem com muito potencial político, é convidado a ingressar na organização.

O militante, inspirado pela vivência familiar, militava desde a sua adolescência no Partido dos Trabalhadores. Apesar dessa ligação com o partido, o militante desliga-se do partido no final do ano de 2015. A razão principal desse desligamento seria o afastamento do partido dos ideais de luta que pregava no tempo da sua fundação e os escândalos de corrupção que o partido protagonizou. O militante afasta-se do PT e filia-se ao PCdoB, começando a participar da coordenação municipal do partido como secretário da comissão de movimentos sociais.

Em 2010, na organização de movimento social, o militante começa a fazer parte da coordenação estadual; concomitantemente, ele é convidado pelo governo de Tarso Genro a ocupar um cargo como FG no governo estadual como assessor pedagógico em uma coordenadoria regional de educação. O militante aceitou o cargo e começou a trabalhar dentro da estrutura estatal. Diferente de outros militantes que operam tanto na organização como coordenadores e como operadores dentro do Estado simultaneamente (Rafaela e Gabriel), esse militante pede o seu afastamento da coordenação da organização e passa a atuar somente no Estado.

Após a sua gestão no governo Tarso, o militante volta a se inserir no movimento, porém pede o seu afastamento definitivo do movimento em 2016, por divergências ideológicas e uma acusação de enfraquecimento do movimento por causa da influência política partidária na gestão da organização de Movimento Negro.

### **IARA**

A sexta entrevistada possui uma trajetória de múltiplas inserções, atuando no Estado, na organização de movimento negro e no sindicato da sua categoria. A ativista começou sua militância no Partido dos Trabalhadores, na década de 1980; concomitantemente, começa atuar também na organização estudada, nos dois casos como membra fundadora. A militante afasta-se do Partido dos Trabalhadores (PT) e filia-se ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). Em 2000, porém, desfilia-se do PSTU e rompe definitivamente com partidos políticos.

A militante é servidora pública aposentada. Possuía um cargo técnico como coordenadora regional na área de saúde da população negra e de outras minorias sociais em âmbito municipal. Após a aposentadoria, passou a atuar no Conselho de políticas raciais do município que reside, focando a sua atuação ainda dentro das estruturas estatais. No sindicato, a militante atua na secretaria de gênero e combate a discriminação racial como diretora de políticas sociais e inclusão racial, bem como faz parte da coordenação estadual da organização de movimento negro estudada.

### **GABRIEL**

O sétimo entrevistado também possui uma trajetória de múltiplos engajamentos. Iniciou a sua militância no Partido dos Trabalhadores ao mesmo tempo em que se filiou a organização de movimento social estudada. Nos dois espaços foi membro fundador.

O militante atua como vereador suplente na câmara de vereadores de Porto Alegre. Além dessa atuação, também participa ativamente das comissões raciais dentro do partido. Ele foi, juntamente com o Maicon, coordenador adjunto da secretaria de combate ao racismo do PT na gestão partilhada de 2012-2014, ocupando, ainda, na gestão atual, a coordenação dessa secretaria. Quanto a

organização de movimento social negro, o militante participa da nova coordenação estadual, ocupando a coordenação de formação política, posição já ocupada por ele outras vezes.

## O MÚLTIPLO PERTENCIMENTO

As trajetórias mostradas aqui, mesmo que de maneira sucinta, permitem analisar os diferentes trajetos individuais de militância. Permite-nos observar as relações de múltiplas inserções militantes, pelas quais os militantes atuam por dentro de diferentes esferas ao mesmo tempo.

Os dados mostram a estreita relação entre militância em organizações de movimento social, partidos e sindicatos. Nota-se que, em muitos casos, a militância começa nos partidos e depois se converge em militância no movimento social. O partido torna-se, muitas vezes, um condutor para o militante chegar ao movimento.

Os espaços como partidos, sindicatos e movimentos estudantis são, muitas vezes, a primeira experiência de militância do ativista. Esses espaços acabam abrindo caminho para uma militância mais específica. Pode-se dizer, portanto, que os partidos, os sindicatos e os grêmios estudantis são espaços impulsionadores de militância.

É interessante analisar, também, que alguns militantes iniciaram a sua militância ainda na década de 1980, começando no partido, muito antes da inserção no movimento (Rafaela, Israel e José). Outros começaram a sua militância partidária concomitantemente com a sua inserção no movimento social (Iara e Gabriel). Esse dado é interessante, pois evidencia que a atuação partidária não é somente estratégica, como alegado por muitos deles. Os militantes não se inserem no partido somente para levar as suas demandas para o Estado, mas possuem uma relação de pertencimento político-ideológico com os partidos e os sindicatos. Ainda sobre a atuação no partido, é notório que todos os militantes em algum momento passaram pelo partido, e, ainda mais interessante, todos foram filiados ao Partido dos Trabalhadores. Entretanto, somente um militante (Maicon) identificou o movimento como impulsionador para a sua inserção nesse partido. Em todas as outras trajetórias, ou a militância no Partido dos Trabalhadores ocorreu em simultâneo com a militância no movimento, ou ocorreu anteriormente.

Outro dado que chama a atenção diz respeito às relações de rompimento, tanto partidário como com a organização de movimento social. Das sete trajetórias de militância que constituem a amostra dessa pesquisa, três possuem histórias de rompimento, as três com partidos e duas com partidos e com a organização de movimento social.

As trajetórias permitem observar ainda que os partidos políticos abrem caminhos para os militantes, não somente em direção ao movimento social, mas também possibilitam que se insiram na estrutura estatal. Os partidos também contribuem abrindo o trânsito entre as esferas societais e estatais. Dos quatro ativistas que exerceram algum cargo na estrutura do Estado, somente um não o tinha ocupado por intermédio do partido, tendo ocupado aquele espaço como servidora/técnica concursada (Iara).

Observamos que nenhum dos ativistas manteve uma única inserção militante durante a sua trajetória. Todos eles, em algum momento, tiveram uma relação com outras esferas de militância que não o movimento social, seja em partidos, sindicatos, movimentos estudantis, seja dentro do Estado. Vimos, porém, que essas relações são fluidas, com processos de filiações e desfiliações.

Apresentamos no quadro abaixo uma sintetização dos espaços de militância que, no momento da pesquisa, os militantes ocupavam, lembrando que os ativistas apresentam, na sua trajetória, uma contínua experiência de filiações e de desfiliações. Apresentamos esse quadro como uma fotografia tirada no momento da pesquisa de campo, observando que essas relações podem variar com o tempo.

**Quadro II: Espaços de militância dos entrevistados**

	<b>Militância na organização estudada</b>	<b>Militância em Partidos</b>	<b>Atuação no Estado</b>	<b>Militância em outras organizações<sup>6</sup></b>
<b>Andressa</b>	Sim	Não	Não	Sim
<b>Rafaela</b>	Sim	Sim	Sim	Não
<b>Israel</b>	Não	Não	Não	Sim

<sup>6</sup> Organizações de ordem religiosa, sindical ou coletivos menores de militância racial.

<b>Maicon</b>	Sim	Sim	Não	Não
<b>José</b>	Não	Sim	Não	Sim
<b>Iara</b>	Sim	Não	Sim	Não
<b>Gabriel</b>	Sim	Sim	Sim	Sim

\*Quadro produzido pela pesquisadora

Como apresentado acima, é notória a atuação dos ativistas em esferas além do movimento social negro. Essas relações de múltiplas inserções é o que analisaremos no próximo tópico, focando a análise nas relações conflitivas geradas pela múltipla militância.

### PERCEPÇÃO SOBRE A MÚLTIPLA MILITÂNCIA

A múltipla militância é um fenômeno comum tratando-se de militantes dos movimentos sociais brasileiros (MISCHE, 1997). A atuação em diferentes esferas de militância é observada também no caso da militância negra; as relações entre movimento, partidos, estrutura estatal, sindicatos etc., são recorrentemente observadas nas trajetórias de militância dos ativistas do Movimento Negro brasileiro (LEITÃO, 2012).

Essas múltiplas inserções, apesar de não constituírem exceção, não são, de maneira alguma, isentas de conflitos. Muito pelo contrário, essa atuação nas diferentes esferas é altamente conflituosa. Os conflitos - tanto externos quanto internos à atuação dos indivíduos - frente às diferentes demandas de cada espaço de militância, à percepção dos indivíduos dos ganhos e perdas de atuar em múltiplas esferas é o que abordaremos nesse subcapítulo.

#### *‘Ser movimento, partido e Estado’: a militância múltipla*

Os militantes possuem diferentes visões sobre a múltipla militância, principalmente no que diz respeito aos espaços ‘lícitos’ para a militância. Enquanto, para alguns ativistas, os partidos constituem-se em uma boa opção para a militância, outros espaços como o Estado, por exemplo, causam cooptação e abandono da causa. Há, ainda, aqueles que elegem o partido como o causador de males como enfraquecimento e desmobilização do movimento, tornando a militância nessa esfera perigosa para o movimento social.

Dos militantes que fizeram parte da pesquisa, somente dois possuíam, no momento da pesquisa empírica, militância tanto na organização de movimento

social, nos partidos e também no Estado (Rafaela e Gabriel). Rafaela, quando indagada sobre as suas múltiplas inserções, começa a falar sobre a importância de se manter fiel à 'causa', que antes de tudo vem o Movimento Negro. A relação de pertencimento e a identidade negra são trazidas nesse momento para definir a relação que se coloca com as outras esferas. Os outros espaços são colocados a serviço do movimento e da causa negra.

Fazer parte do Estado assume importância, o fato de ser uma funcionária estatal também é lembrado. Ser uma profissional que tem deveres para com a instituição, tanto quanto para com a organização de movimento social, é colocado como algo definidor da sua atuação. É reforçado o compromisso com a instituição, ao mesmo tempo em que é reafirmado o compromisso com a causa negra e com o movimento.

A militante descreve algumas dificuldades em ocupar esses múltiplos espaços, as relações conflitantes que se estabelecem. Mesmo que, ao se colocar nesses espaços (partido e estruturas estatais) como, antes de tudo, militante da causa negra com a função de levar as demandas do movimento, a militante reconhece a excentricidade da posição que ocupa, sendo, ao mesmo tempo, movimento, partido e Estado. Reconhece que essa posição causa, no mínimo, desconforto. Ao mesmo tempo em que a militante concorda que a posição ocupada por ela é confusa do ponto de vista das cobranças e do papel que o movimento social ocupa na sociedade, o de cobrar o governo, ela resolve o dilema causado dela sua múltipla militância:

Nós usamos da estrutura do Estado para demandar para o movimento social, transformando o Estado em um espaço de continuidade do movimento social. [...]Então é muito difícil essa relação, ora tu estás aqui: 'eu sou governo', ora tu estás aqui: 'eu sou movimento social'. Como tu lida com isso frente a frente? Tu pegas as demandas do movimento social e vem pra dentro da institucionalidade trabalhar os temas. (RAFAELA)

Quanto às pressões que se colocam frente às diferentes demandas que são postas pelas esferas (movimento, partido e Estado), a militante traz novamente a identidade e o pertencimento ao movimento como ponto zero, como a base para as suas ações. É retomada a importância de não se 'vender', manter os valores do movimento social. É lembrado que a obrigação é com o

movimento social, e que, em qualquer lugar, a ação deve ser propositiva, deve-se levar as demandas do movimento.

Na fala da militante, notamos que a militância múltipla causa conflitos, principalmente, internos. A miscelânea de ser movimento, partido e Estado causa conflito quanto à sua referência frente aos espaços em que atua. Esses conflitos, por sua vez, são resolvidos quando a militante se coloca nesses espaços como militante da causa negra, resolvendo os conflitos vivenciados, colocando a sua identidade como militante acima das demandas do partido e da atuação como profissional. Assim, utiliza-se desses espaços como segmentos do movimento social.

Parecida com a fala da Rafaela é a fala do Gabriel. Este, porém, tem uma singularidade: ele não parece perceber os conflitos das múltiplas inserções. O movimento, o partido e o Estado parecem, na sua fala, ser uma coisa só: 'A gente nunca deixa de ser uma coisa ou outra. Eu sou aqui contigo, mas aqui eu sou o PT, sou movimento social, sou negro, sou pobre. Só a pauta, na hora, que diz pra onde eu me referencio' (GABRIEL).

Nos dois casos, a definição como militante de uma causa, a causa negra, transcende os espaços de atuação, interligando-os e transformando todos em espaços de militância. Diferente da Rafaela e do Gabriel, José, ao assumir um cargo como FG no governo estadual, colocou o seu cargo de direção da organização à disposição. Esse posicionamento do militante é dado pela compreensão de que seria impossível assumir, dentro do espaço de governo, a posição de construtor e de implementador de políticas raciais e, ao mesmo tempo, estar dentro da organização de movimento social cobrando essas políticas.

Essa posição do militante mostra a sua percepção sobre a militância múltipla. Mesmo que compreenda que é 'lícito' um militante ocupar espaços governamentais, ou militar dentro do Estado, o militante compreende que não seria correto 'misturar' os dois espaços. O certo seria, estando no Estado, afastar-se da organização de movimento social, para que possa cumprir o seu papel, ou de cobrá-lo enquanto Estado.

Apesar da ocupação do espaço dentro do Estado ter sido para implementar políticas raciais ou, em outras palavras, fazer andar as demandas da organização, há na fala do entrevistado a construção de momentos distintos,

um de militante e outro de gestor. Um em que se reclama a política e outro no qual se implementa a política.

Notamos na fala dos três entrevistados que há duas visões distintas sobre a múltipla militância. Uma em que se interconectam os espaços de atuação, movimento, partido e Estado, eliminando o conflito, principalmente interno, ao definir todos os espaços como espaços de militância. Outra em que se separam os espaços, constituindo para eles papéis e momentos distintos, o momento em que se está na organização de movimento social e demanda para o Estado, e o momento em que está no Estado e constrói a política demandada pela organização.

Podemos perceber que há duas percepções distintas sobre a militância e os espaços de atuação: uma em que os espaços (movimento, partido e Estado) são tidos como complementares, pois são utilizados pelos ativistas para a sua militância; outra em que cada uma das esferas de atuação possui a sua própria especificidade, não sendo necessariamente espaços de militância racial. Em uma, não há conflitos e, na outra, o conflito é inerente.

Os conflitos internos e externos, frutos da militância múltipla, fazem-se notar principalmente no que tange à noção de pertencimento, ou, como colocado na fala da Rafaela, 'na definição de que deus tu quer servir'. As relações de conflito interno e externo causados pela múltipla militância é o que abordaremos a seguir.

## OS CONFLITOS INTERNOS E EXTERNOS

Quanto perguntado para os entrevistados sobre os conflitos vivenciados por eles por causa da sua múltipla militância, das pressões vivenciadas pelos ativistas, dos ganhos e das perdas pela sua múltipla inserção, três tipos de resposta foram obtidas: não há conflito (Gabriel); há conflito e ele é externo (Maicon e José); e há conflito e ele é externo e interno (Rafaela). Gabriel, que faz parte da coordenação da organização, é coordenador da secretaria racial do PT e ainda ocupa um espaço no legislativo municipal, fala sobre a ausência de conflitos na ocupação desses múltiplos espaços. Ele, como Rafaela, traz a questão do pertencimento, da identidade negra, que é representada pela atuação na organização de Movimento Negro. A 'causa' torna-se o referencial identitário, utilizado para circular e interligar todos os espaços.

O militante usa como metáfora a utilização de camisas, a camisa movimento social, a camisa partido, a camisa Estado. O militante coloca que o conflito começa quando não se sabe qual camisa é a mais importante, quanto o militante não tem uma camisa que prepondera sobre as outras.

As pessoas entram em conflito. Tu tá falando em conflito pra fora. Mas eu tô falando em conflito interno. É muito difícil, é muito complicado. Aí eu falo assim, as metáforas das camisas. E ao fim, qual camisa tu tá usando mesmo? A partir da onde que tu fala? 'eu tô falando do movimento social'. Notou? Isso é evidente. Não é do PT que eu tô falando, não é essa camisa que eu tô usando. Ela está lá em baixo, vou dizer que a gente usa três camisas. É muito complicado. Mas eu vou dizer o seguinte: Eu nunca tenho conflito. Eu tenho muitas convicções. Quando eu falei pra ti que muitas vezes a gente perde em nome da luta social é verdade. O governo Tarso, agora recentemente, eu recebi 7 convite pra trabalhar com ele, 7 convite, não aceitei nenhum, e alguns recebiam 7 mil, 10 mil e 12 mil. Eu não aceitei nenhum. Qualquer pessoa em outro momento faria isso. (...). Eu sempre coloquei na frente a minha camisa, por que tenho um lado, e esse prepondera sobre os outros. Tem uma camisa que prepondera sobre as outras duas. Não tem conflito, e o conflito que tem a gente tira de letra. (...). É difícil, mas tem que ter coragem. Como eu chamo 'prioridade zero'. E na metáfora das três camisas tem uma camisa que tem que preponderar sobre as outras. Senão aí dá conflito. Conflito de existência. (Entrevista Gabriel)

As camisas são utilizadas como uma metáfora para as relações de pertencimento. A ausência de conflito é causada pelo posicionamento do militante. Se ele coloca a sua causa - a causa negra - acima das demais demandas dos espaços, segundo o entrevistado, ele não entra em conflito.

A visão desse militante sobre os conflitos e sobre suas soluções é parecida com a da Rafaela. A diferença é que a entrevistada não ignora os conflitos, admitindo que a militância múltipla gerou situações conflituosas no caso dela. As relações com os partidos e com o espaço estatal causaram desconforto e conflitos, tanto de ordem interna como externa.

Os conflitos internos dão-se, sobretudo, na questão do pertencimento identitário. No caso de Rafaela, a militante já possuía tanto uma relação com o espaço estatal em que ela trabalhava - já que ela atuava na empresa por quase trinta anos - quanto com o partido, em que militava desde a sua adolescência. O local de trabalho e o partido tornaram-se parte importante da sua identidade. O conflito aí aparece como algo significativo na fala da entrevistada, pois as relações de pertencimento vão além do movimento social. Se nesse caso também utilizarmos a metáfora das camisas, creio que a definição da camisa mais importante será muito mais complicada. Ainda assim, a militante coloca que

o serviço dela tanto no Estado quanto no partido é cumprir as demandas da organização.

Há, no caso dessa ativista, um tensionamento identitário: de um lado as identidades sociais - negra, trabalhadora, servidora pública - e de outro lado as identidades coletivas - militante partidária e do movimento social. Essas identidades acabam por ser hierarquizadas na fala da entrevistada, sendo a identidade coletiva, a de militante do movimento, principalmente, assume a frente, sendo reiterada como a identidade definidora que guiará o seu posicionamento e atuação tanto no partido quanto dentro do Estado.

A militante coloca também que, além dos conflitos internos, de ser partido, Estado e movimento, há ainda conflitos externos. A relação entre movimento e partido nem sempre é pacífica, e quando você decide se posicionar a favor do movimento negro você sofre pressões e sanções por parte do partido.

As relações ficam mais conflituosas quando, além de ocupar os espaços do partido, são ocupados os espaços no governo. A militante coloca que a ocupação de um cargo político no governo causa ainda mais conflitos externos, pois, como militante, é necessário cobrar as promessas não cumpridas pelos partidos e o que não está sendo implementado pelo Estado por falta de compromisso da gestão.

Fazer parte da estrutura estatal em um cargo político dado ao militante pelo partido causa muitos conflitos, principalmente dentro do espaço partidário. O José, ao falar sobre o momento em que atuava no governo como FG, traz à tona situações conflitantes em que o militante, por perceber que havia um desinteresse por parte do Estado com a implementação da lei 10.639<sup>7</sup>, denunciava para o movimento.

Esse ato de denuncia para a organização do movimento negro era visto como uma traição dentro do partido. O que causava ainda mais mal-estar para o militante.

Os conflitos ocorrem, na maioria das vezes, por causa de diferentes demandas dos espaços; nesse caso, os militantes têm de optar por qual caminho devem seguir. Todos eles dizem optar sempre pela organização, mantendo-se

---

<sup>7</sup> Lei 10.639: Lei de 9 de janeiro de 2003. A lei 10.630 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Fonte: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm).

fiel ao Movimento Negro e, assim, à causa negra. O interessante é que somente uma fala, a da Rafaela, expõe os malefícios da múltipla militância, observando que, se ela atuasse somente no partido, teria mais ganhos, principalmente profissionais. Entretanto, dada a sua atuação em simultâneo na organização de movimento social e a necessidade de fazer o enfrentamento ao partido, que naquela época era governo, a militante, como ônus à sua atuação, teve perdas profissionais.

A militante, além de assumir os conflitos internos e externos causados pela militância múltipla, assume também que esse tipo de atuação causa um ônus muito grande ao militante, tanto físico quanto emocional e financeiro. Um dos maiores ônus da militância múltipla são as acusações de cooptação que os militantes enfrentam dentro da organização de movimento social, causando conflitos e fragmentações dentro do movimento negro. A acusação de cooptação está intimamente ligada à ideia de autonomia e à percepção da quebra da autonomia do movimento. A ideia de autonomia em contraponto às acusações de cooptação será tratada no próximo tópico.

#### *‘O movimento é autônomo!’ – Percepções sobre autonomia*

Quando perguntado para os militantes que atuavam em mais de um espaço de militância sobre os conflitos gerados pela militância múltipla, todos descreveram conflitos com os partidos e dentro do Estado, não abordando os conflitos dentro da organização de movimento social. O motivo parece óbvio: passar um ar de consenso, de unanimidade dentro da organização.

Dois ativistas que atuam fora de partidos e na esfera estatal (Andressa e Israel), entretanto, mostram em suas falas a fragmentação, as disputas, os conflitos dentro do movimento frente à múltipla militância de alguns dos seus membros. Nessas falas a noção de autonomia surge como aspecto central para o questionamento da atuação nas esferas do partido e do Estado. Há uma fala sobre a perda da autonomia do movimento, intervenção dos partidos políticos, e abandono dos princípios originais da organização.

A percepção da perda de autonomia do movimento frente à atuação partidária fez com que parte dos militantes dessa organização se organizasse em uma facção, a qual reivindica o fim da influência do partido nos direcionamentos da organização. Andressa, que, ao analisar a situação da

organização, percebe uma forte influência dos partidos políticos. Essa militante, então, se uniu a uma nova linha dentro da organização, que tem como princípio a atuação não partidária, promovendo, assim, na sua visão, uma organização de fato independente. Já nas falas dos ativistas que mantêm relações com os partidos e com a estrutura estatal (Rafaela, Maicon e Gabriel), há uma alegação de independência da organização frente aos partidos e ao governo. Esses ativistas diferenciam a atuação da organização em sintonia com os partidos da 'cooptação' da organização pelo partido.

Nesse sentido, há uma volta ao discurso de pertencimento ideológico, da defesa da causa negra dentro dos partidos e da esfera estatal. Todos reconhecem que existiram e existem casos de cooptação de certos militantes, mas reafirmam que isso se dá quando não há uma firmeza de caráter por parte do militante, quando não tem firmeza sobre 'qual camisa é a mais importante'. Há, nessa fala, uma negação de cooptação por parte da organização, e, sim, uma alegação de casos de cooptação de indivíduos dentro da organização. Os casos de cooptação, portanto, seriam sempre individuais, o que manteria a organização autônoma e independente frente a esses casos.

Vemos também que há percepções diferentes sobre a autonomia da organização entre os que defendem que a organização é autônoma. A primeira delas diz respeito à concepção de que a autonomia da organização justifica-se pela formação dela ter acontecido de maneira separada dos partidos. O fato de que a organização não ter surgido do PT, mas ter surgido separado e antes do partido, mostra a sua autonomia (Entrevista Gabriel).

A afirmação de não pertencer ao PT retoma a ideia de independência partidária. A relação com o partido é legitimada pela caminhada da organização e do partido, os quais, em alguns momentos, se interconectam.

Outra forma de legitimação da autonomia da organização, segundo a lara, é o fato de nenhum dos ativistas da organização ocuparem espaços institucionais como movimento social. Segundo a entrevistada, a organização não teria nenhum vereador, não estaria em cargo de gestão etc.

Nesse sentido, a organização não ocuparia o Estado, mas os militantes, sim. É trazida, novamente, a separação entre organização e militantes. O interessante é que todos os militantes, com exceção da lara, que fez essa colocação, afirmam que ocuparam espaços institucionais em nome da

organização e da causa do Movimento Negro. A atuação nesses espaços institucionais é justificada como atuação do Movimento Negro, sendo levadas as pautas e as demandas do movimento.

Podemos observar que existem múltiplas percepções de como se dá a atuação da organização. Alguns militantes veem a organização como dependente do partido e, de certa forma, inoperante. Outros defendem que a organização atua dentro da institucionalidade, mas se mantém apartidária e atuante como movimento social desvinculado de partidos e do Estado. Ainda tem militante que separa a atuação institucional da organização de movimento social da atuação institucional de militantes específicos. Entretanto, há uma unanimidade na fala dos ativistas: a necessidade de autonomia e de independência da organização. Todos os militantes compreendiam a necessidade do apartidarismo, não permitindo a influência dos partidos nas decisões do movimento. As diferenças começavam pela percepção de cada ativista sobre como se alcançaria essa autonomia.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário sistematizar alguns dos argumentos apresentados nesse artigo. Primeiramente, quanto às trajetórias dos ativistas, é perceptível a intersecção entre organização de movimento social e partido político - no caso da organização estudada, o Partido dos Trabalhadores. Não raros casos a militância iniciou-se no partido e foi levada a organização. As redes familiares e de convivência tornam-se fundamentais para explicar o trânsito entre movimento social e partido político.

Os partidos, por sua vez, possibilitam aos militantes adentrarem no Estado. Dentre os sete entrevistados, quatro deles apresentam atuação dentro do Estado, dois como FG, possibilitados pelo partido, e outro, como cargo eletivo. Somente uma militante apresentava cargo técnico sem vinculação partidária. O partido permitiu a entrada desses militantes no Estado, abrindo a porta para a atuação institucional.

Entretanto, notamos que a atuação dentro do partido não é vista por todos os ativistas como boa para a organização social. Apesar de todos os ativistas terem passado por partidos políticos, há três casos de desfiliação partidária. Em todos os casos, a tentativa de interferência do partido na organização foi

colocada pelos ativistas como pelo menos uma das causas para a desfiliação, sendo esse também o motivo alegado por dois deles para a desfiliação tanto do partido como da organização.

Como no argumento de Goldstone (2003), constatamos que os partidos políticos apresentam grande importância para o movimento. Quando analisadas as histórias dos ativistas em particular, a intersecção com os partidos assume uma configuração específica. Apesar de, na fala dos ativistas, os partidos aparecerem como órgãos auxiliares à organização social, utilizados por este para levar adiante as suas demandas, vimos que a entrada no partido, em alguns casos, foi anterior ou concomitante à entrada na organização. Isso demonstra um vínculo de pertencimento ideológico com os partidos, que foi menosprezado na fala dos militantes em detrimento do vínculo de pertencimento ao Movimento Negro.

Nas trajetórias dos ativistas entrevistados notamos que a múltipla militância é uma prática recorrente entre os militantes, principalmente na militância partidária. A autonomia da organização frente ao partido e ao Estado é reiterada a todo o momento como essencial para a sua atuação. Os ativistas, entretanto, possuem diferentes visões de como alcançar essa autonomia. Alguns buscam separar as esferas, não misturando militância partidária com militância social; outros se afastaram dos partidos, e ainda há os que buscam a autonomia tentando bloquear as tentativas do partido de intervir na organização de movimento social.

Para os militantes que possuem dupla militância (movimento/partido), os conflitos lembrados pelos ativistas são entre as esferas. Os conflitos, tanto no âmbito interno quanto externo, dão-se pelas pressões e pelas demandas dos diferentes grupos a que pertencem. Nesses momentos, o pertencimento à organização de movimento social é eleito como vínculo de maior preponderância e colocado como definidor da atuação dos militantes. Para os militantes que não possuem múltiplas inserções, os conflitos são dentro da organização, onde eles alegam uma luta constante contra a ação partidária.

Foi possível perceber diferentes percepções dos ativistas sobre a autonomia e de como alcançá-la. Há, também, percepções distintas sobre as múltiplas inserções e sobre os conflitos. As percepções dos ativistas nos

parecem centrais para compreender a atuação dos mesmos, bem como uso ou não dos partidos e das estruturas de Estado.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V.; PEREIRA, A. A. **Histórias do movimento negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC**. Rio de Janeiro: Pallas, CPDOC/FGV, 2007.

GOLDSTONE, J. A. (ed.). **States, parties, and social movements**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. (Introduction)

KOSSLING, K. **Movimentos negros no Brasil entre 1964 e 1983**. Perseu. Nº 2, ano 2. Pg. 29-57. 2008.

LEITÃO, L. **Oportunidades Políticas e Repertórios de Ação: o movimento negro e a luta de combate à discriminação racial**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tese de Doutorado, 2012.

MISCHE, A. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 05-06, p. 134-150, 1997.

PEREIRA, A. M. **Trajetória e Perspectiva do movimento negro brasileiro**. Belo Horizonte: Nandyia, 2008.

SILVA, M. K.; OLIVEIRA, G. L. **A face oculta(da) dos movimentos sociais: trânsito institucional e intersecção Estado-Movimento - uma análise do movimento de economia solidária no Rio Grande do Sul**. **Sociologias**, 13(28), p.86-125, 2011.9º